



RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL: CONTEXTOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS¹

Maria Gabriela Ferreira Pereira²

RESUMO:

Este trabalho tematiza a formação de crianças leitoras nos anos iniciais do ensino fundamental. Objetiva problematizar os fatores que interferem na construção de um sujeito leitor na escola, conforme delineados pela pesquisa retratos da leitura no Brasil, 5ª edição no ano de 2020. A perspectiva discursiva de Currículo de Lopes e Macedo (2011), a noção de contextos de S. Ball (Ball, 2002; Mainardes, 2006), bem como a noção de performatividade (Ball, 2010) são elementos para problematizar a construção de perfil de leitura no contexto da infância. Como resultados foi possível identificar maior espaço de um discurso privatista na projeção de uma criança leitora, visto que a pesquisa em si é apoiada por instituições cuja atividade não está relacionada estritamente à educação pública. Decorrente das considerações finais, destacamos: como poderia a pedagogia atuar fora do registro de colonização do gosto na formação leitora? Essa questão para novos estudos sobre a formação leitora, nos anos iniciais e em outros momentos do ensino fundamental poderia contribuir para novas políticas de currículo com vistas à formação leitora, para além de buscar a definição do quê e como ler na infância, projetada a partir da essencialização da criança leitora na escola.

Palavras Chave: Leitura, Criança, Contextos de Influência, Política de Currículo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo problematizar aspectos relacionados à leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando 5 (cinco) tópicos dentre os ponderados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, tendo em vista que tal pesquisa, além de apresentar uma síntese do perfil leitor brasileiro, interfere no contexto das políticas de leitura contemporâneas. Para o recorte desta discussão, consideramos os anos iniciais como escopo para compreensão da formação leitora da criança em suas primeiras experiências com a leitura escolar, tentando também compreender outros contextos que possam influenciar na maneira como se constitui o leitor criança.

¹ Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso (Dossiê 2 - nível de graduação) da discente contendo algumas alterações do documento original.

² Mestranda do curso de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal – MT. Bolsista CAPES, gabriela.ferreirap1620@gmail.com



Compreendemos que lidar com a perfilação de crianças leitoras pode ser problemático, uma vez que essencializa os sujeitos escolares, indicando aquilo que Ball (2010) destacou a partir da reflexão sobre a performatividade, um conjunto de práticas discursivas e sociais que visam a construção de *performance/ alta performance*. Além disso, a perfilação agrega sentidos que podem limitar as políticas de leitura a uma expectativa de formação leitora na escola de caráter prescritivo que não considera o contexto de vida das crianças. Ponderados esses pontos, também entendemos que a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil pode atuar no contexto de produção das políticas, visto que sinaliza problemáticas e possibilidades de intervenção nas políticas públicas de acesso à leitura na Infância, mas que o faz de um lugar de disputa em que observamos a crescente atuação de organismos e organizações de cunho privado.

Este trabalho está dividido em tópicos, sendo eles: aspectos da descrição metodológica; aspectos teóricos observados – há um currículo relacionado à leitura?; Apresentação e discussão da perfilação leitora;

ASPECTOS DA DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa se deu a partir da abordagem qualitativa, em que os procedimentos concernentes à pesquisa documental sustentaram a seleção, organização e discussão dos dados ora expostos. Para elucidar a escrita deste texto foram considerados os pontos da pesquisa **Retratos da leitura no Brasil**, 5ª edição no ano de 2020. A produção dessa materialidade discursiva foi promovida pelo Instituto Pró-Livro, com a colaboração do Itaú Cultural e o Ibope Inteligência.

Segundo a própria pesquisa³, o público-alvo foi “população brasileira residente, com 5 anos e mais, alfabetizada ou não, entre outubro de 2019 a janeiro de 2020”. É válido destacar que nos últimos anos há organizações que estão assumindo o lugar das políticas públicas quanto ao mapeamento das regiões, perfil, análises sociais entre outros fatores dos leitores brasileiros, dentre estes o que iremos destacar e trabalhar mais adiante é o Instituto do Livro.

Criado no ano de 2006 o Instituto Pró-Livro é caracterizado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, uma OSCIP, tendo como entidades mantenedoras e fomentadoras: Câmara Brasileira do Livro (CBL); Abrelivros e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Com objetivos de analisar, avaliar e contribuir com relação aos índices de leitura no país, como também estimular mais o ato de ler. Uma dessas pesquisas é a

³ Site do Instituto Pró-Livro.



"Retratos da leitura no Brasil", a qual é realizada periodicamente, sendo publicada desde o ano de 2001, contabilizando 5 (cinco) edições no ano de 2020, realizada em âmbito nacional com o intuito de analisar o comportamento do leitor brasileiro. Seu objetivo é descrever como se caracteriza o leitor e não/leitor quanto seu hábito; condições; motivações dentre outros sobre a leitura. (Site do Instituto Pró-Livro).

ASPECTOS TEÓRICOS OBSERVADOS – HÁ UM CURRÍCULO RELACIONADO À LEITURA?

Neste trabalho partimos dos pressupostos de Lopes e Macedo (2011) ao afirmamos de que no campo educacional não existe a possibilidade de estabelecermos o que seria uma melhor definição para o termo “currículo”, mesmo que este por vezes tenha sido definido como produto possível de ser selecionado, organizado e disponibilizado como conhecimento escolar. No tocante à política curricular de leitura, destacamos existir, igualmente, um tensionamento em torno do que é considerado bom e digno em relação à leitura na escola.

Considerando a perspectiva discursiva de currículo “[...] não é possível responder “o que é currículo” apontado para algo que lhe é intrinsecamente característico, mas apenas para acordos de sentidos de tal termo, sempre parciais e localizados historicamente” (Lopes e Macedo, 2011, p.19). Ou seja, para cada tempo sempre houve uma explicação para o que seria currículo, o que acarreta que este venha a ser “[...] objeto de disputas na teoria curricular” (Lopes e Macedo, 2011, p.19).

O currículo em si deve partir dos pressupostos de que cada indivíduo traz consigo histórias e aprendizados de seu meio social, o que conseqüentemente irá propiciar uma gama de aprendizados, nesse sentido, “[...] a experiência educacional dos sujeitos é parte de sua situação biográfica, o currículo deve proporcionar ao sujeito entender a natureza dessa experiência” (Lopes e Macedo, 2011, p. 35). A política curricular de leitura com vistas à Infância escolarizada, neste trabalho, se alinha a essa concepção, que poderia ser traduzida nas saudosas palavras de Ziraldo: “ler é mais importante que estudar”.

O fato de estudar a partir dos atos de leitura na escola remete ao “o que ensinar?”, questionamento clássico entre os estudiosos do currículo, tal questionamento nutre muitos debates e contestações seja no âmbito educacional ou em contextos mais amplos ligados à sociedade civil que nos últimos anos, representada por organismos e organizações demonstra maior interesse no campo curricular. Tal tensionamento/disputa para preencher o sentido sobre o que ensinar nos leva a entender que “[...] o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva.



Isso significa que ele é uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos” (Lopes e Macedo, 2011, p.41).

Como sujeitos da cultura, somos atravessados a todo instante por um sistema repleto de significados, pelo qual nossas próprias vivências e experiências nos compõem. E é nesse aspecto que as autoras enfatizam que currículo é cultura “[...] o currículo, como tudo, seria cultural, na medida em que funciona como um sistema de significações dentro do qual os sentidos são produzidos pelos sujeitos” (Lopes e Macedo, 2011, p.186). Isto é, o currículo produz significados por meio de sua prática e interações entre os pares, “O currículo é, como muitos outros, uma prática de atribuir significados, um discurso que constrói sentidos. Ele é, portanto, uma prática cultural” (Lopes e Macedo, 2011, p.203).

Partindo do pressuposto de que o currículo está imerso em questões de lutas por poder, entendemos assim que a educação é um território imerso de disputas sejam por instituições públicas ou privadas a fim de controles e intervenções de acordo com seus interesses.

Neste sentido Ball (1992) em sua abordagem intitulada como “Ciclo de Políticas” discorre acerca de cinco tipos de contextos que contribuiram de significativa maneira para os estudos de políticas educacionais. Para esta discussão utilizaremos o contexto de “influência”, de que no âmbito educacional há diversos conjuntos de indivíduos que estão em concorrência com o objetivo de induzir ideias na educação “É nesse contexto que grupos de interesse disputam para influenciar a definição das finalidades sociais da educação e do que significa ser educado” (Mainardes, 2006. p. 51).

Ainda segundo Ball (1992), “[...] há um grupo de arenas públicas mais formais, tais como comissões e grupos representativos, que podem ser lugares de articulação de influência” (Mainardes, 2006. p. 51). Neste aspecto podemos perceber que a educação não é neutra quanto a influências externas para suas definições e resultados.

Entendemos que os sentidos até aqui levantados nos levam a perceber que a partir do momento que organismos externos passam a “participar” e a partir disso a deliberar decisões de momentos crucias para a educação, mais nos veremos em um campo controlado, pelo qual seremos “medidos” de acordos com nossa eficiência, o que é definido segundo Ball (2002, p.4) como performatividade, “A performatividade é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que se serve de críticas, comparações e exposições como meios de controle, atrito e mudanças.”

A performatividade está relacionada aos rendimentos dos sujeitos, em um sentido de mensuração, “Os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas

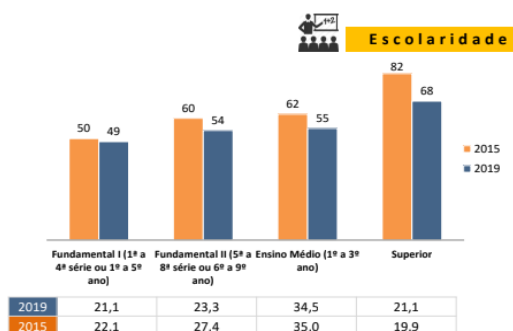
de produtividade e rendimento, ou mostras de “qualidade” ou ainda “momentos” de promoção ou inspeção” (Ball, 2002, p.4).

Neste trabalho, entendemos que para além de perfilar a criança leitora dos anos iniciais, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil pode ampliar o contexto de influência e intervenção nas políticas, uma vez que é financiada, estruturada por organismos e organizações, que em muitos casos são instituições bancárias.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DA PERFILAÇÃO LEITORA

Um elemento considerado importante na perfilação da formação de leitores tem sido a realidade escolar. Nesse sentido, é importante ressaltar que com relação ao tópico de **escolaridade** de leitores neste nível de escolaridade: Ensino Fundamental I⁴ para o ano de 2019 eram de apenas 21,1% em comparação ao ano de 2015 de 22,1%:

Gráfico 1: Escolaridade (2015 x 2019)



Fonte: Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição (2020).

Podemos observar uma leve queda no índice de porcentagem com relação aos números de estudantes leitores nesta fase de escolarização em toda a etapa da Educação Básica. Temos a compreensão de esse fato estar atrelado a diversos aspectos, um deles a dificuldade que muitos estudantes encontram no momento de leitura, mesmo este não sendo o objeto de estudo deste trabalho esse fato que infelizmente é um dos problemas recorrentes na educação no país influi diretamente para o gosto/prazer em ler, uma vez que ambas estão interligadas e dependem uma da outra, como afirma os autores Sandroni e Machado (1987, p. 19), “Normalmente, à medida que a criança encontra dificuldades no ato de ler, vai gostando cada vez menos de fazê-lo. Uma coisa, em geral, está associada à outra.”

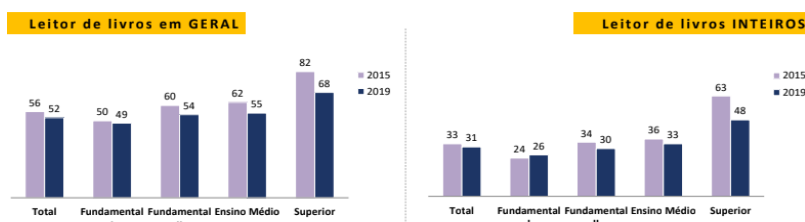
⁴ Nomenclatura utilizada na pesquisa, como consta no gráfico abaixo.

Acerca da penetração de livros em geral e inteiros nos últimos 3 (três) meses por escolaridade (durante os anos iniciais): temos que o Leitor de livros em geral no ano de 2019 foi de 49% em comparação a 2015 de 50%. Já com relação a leitor de livros inteiros foi de 26% (2019) enquanto no de 2015 foi de 24%:

Gráfico 2: Penetração de livros em geral e inteiros nos últimos 3 meses

PENETRAÇÃO DE LIVROS EM GERAL E INTEIROS NOS ÚLTIMOS 3 MESES
Escolaridade (2015 X 2019)

(%)



Fonte: Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição (2020).

Essa inserção do livro na vida da criança está intimamente relacionada às influências e hábitos tanto pela família quanto pela escola, como estamos ressaltando ao longo deste trabalho, de forma que “A criança percebe, desde muito cedo, que o livro é uma coisa boa, que dá prazer” (Sandroni e Machado, 1987, p. 12). No tópico acerca da **principal motivação para ler um livro por escolaridade**, em primeiro lugar estão o gosto, 37%, seguido pelo crescimento pessoal 8% e distração 14%:

Gráfico 3: Principal motivação para ler um livro: Por escolaridade

PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER UM LIVRO
por Escolaridade

(%)

| 2019 | TOTAL | ESCOLARIDADE | | | |
|---|-------|---|--|-----------------------------|----------|
| | | Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1ª ao 5ª ano) | Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6ª ao 9º ano) | Ensino Médio (1ª ao 3º ano) | Superior |
| Base: Leitores | 4270 | 739 | 870 | 1473 | 1188 |
| Gosto | 26 | 37 | 26 | 21 | 21 |
| Crescimento pessoal | 17 | 8 | 11 | 22 | 24 |
| Distração | 14 | 14 | 18 | 15 | 7 |
| Atualização cultural ou Conhecimento geral | 13 | 5 | 10 | 15 | 21 |
| Aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade | 11 | 10 | 16 | 11 | 9 |
| Motivos religiosos | 9 | 15 | 9 | 9 | 4 |
| Exigência escolar ou da faculdade | 4 | 7 | 5 | 3 | 4 |
| Atualização profissional ou exigência do trabalho | 4 | 1 | 4 | 3 | 10 |
| Não sabe/Não respondeu | 1 | 3 | 1 | 1 | 0 |

Fonte: Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição (2020).

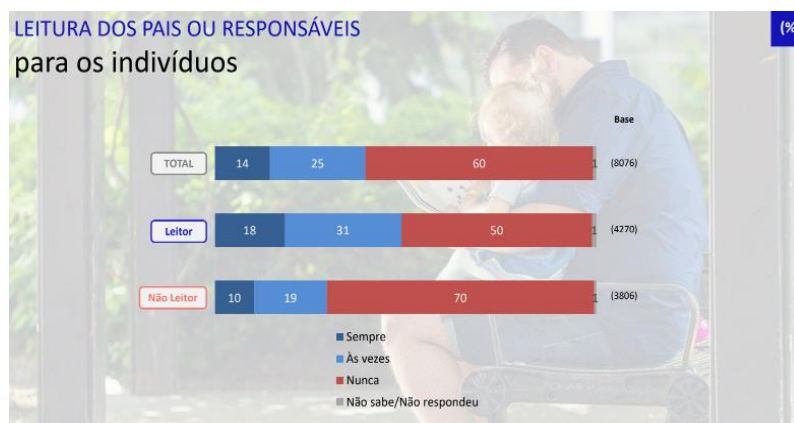
Os dados acima nos evidenciam que a principal motivação para a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental é o gosto. Diferentes autores destacam a produção do gosto como algo intersubjetivo. A perspectiva sócio - histórica, por exemplo, aponta a sensibilidade para as artes como um processo de construção social que não pode ser dissociado das relações de classe ou ainda da produção cultural, conforme Cotrim, Prudente, Santos (2021).

Já outros autores, entretanto, consideram a sensibilidade em que se localiza o hábito pela leitura com um elemento inato, como uma característica pessoal, não relacionada diretamente ao contexto e a produção histórico-cultural.

Como é o caso que apontaremos em Bamberger, para quem a maneira como uma criança desta fase lê algo que a motive, que a faça feliz, desperta seu desejo por permanecer na atividade de leitura. A leitura, desta forma, nasce do querer infantil, como acentua Bamberger, “Só se atinge o objetivo do ensino da leitura – o desenvolvimento do gosto literário e da capacidade crítica – quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte” (Bamberger, 1995, p.58).

Continuando a análise quanto o contexto familiar e sua influência na formação leitora, temos o tópico **leitura dos pais ou responsáveis para os indivíduos**: em que são apresentados em termos de frequência, a participação dos pais ou responsáveis nessa atividade das crianças: 14% sempre; 25% às vezes; 60% nunca e 1% não sabe/não respondeu.

Gráfico 4: Leitura dos pais ou responsáveis para os indivíduos



Fonte: Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição (2020).

A pesquisa não especifica as idades nem a escolaridade das pessoas neste tópico apresentado, mas se consideramos que esta prática na maioria das vezes é realizada durante a infância, o percentual indicado é baixo se comparado a grande pertinência da prática de leitura na vida de todos nós e como abordada ao longo deste trabalho, das crianças, “Se deve ser um hábito, a leitura deve começar a ser sugerida ao indivíduo o mais cedo possível. Por isso, a casa, a família, os pais são os primeiros incentivos a criança [...]” (Sandroni e Machado, 1987, p. 11).

Com relação à **Indicação do último livro por faixa etária**, recortando para o nível de escolaridade trabalhado (5 a 10 anos) 53% e (11 a 13 anos) 48% é feita por algum professor ou professora. A presença da família no caso apresentado pela pesquisa mãe ou responsável do

sexo feminino/ pai ou responsável do sexo masculino ocupam o terceiro e o oitavo lugar respectivamente.

Gráfico 5: Indicação do último livro – Por faixa etária

INDICAÇÃO DO ÚLTIMO LIVRO por Faixa Etária (%)

| 2019 | TOTAL | FAIXA ETÁRIA | | | | | | | | | |
|--|-------|--------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|--|
| | | 5 a 10 | 11 a 13 | 14 a 17 | 18 a 24 | 25 a 29 | 30 a 39 | 40 a 49 | 50 a 59 | 70 e + | |
| Base: Leitores | 4270 | 437 | 755 | 388 | 587 | 398 | 760 | 581 | 739 | 125 | |
| Algum professor ou professora | 22 | 53 | 48 | 38 | 26 | 14 | 14 | 10 | 5 | 3 | |
| Amigo(a) | 22 | 8 | 12 | 26 | 24 | 29 | 24 | 26 | 23 | 19 | |
| Mãe ou responsável do sexo feminino | 6 | 13 | 11 | 6 | 6 | 5 | 6 | 3 | 2 | 0 | |
| Filho(a), enteado(as) ou tutelado(as) | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 5 | 5 | 9 | 9 | |
| Marido, esposa ou companheiro(a) | 3 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3 | 6 | 7 | 5 | 1 | |
| Viu matérias ou textos na televisão, jornais ou revistas | 3 | 0 | 0 | 3 | 4 | 2 | 5 | 4 | 4 | 0 | |
| Viu no YouTube, Instagram ou Facebook | 3 | 0 | 2 | 2 | 6 | 7 | 4 | 3 | 2 | 0 | |
| Pai ou responsável do sexo masculino | 2 | 4 | 5 | 5 | 3 | 0 | 0 | 3 | 1 | 3 | |
| Outra indicação | 8 | 6 | 2 | 7 | 6 | 10 | 6 | 12 | 11 | 10 | |
| Não recebeu indicação/ Ninguém em especial | 25 | 13 | 17 | 12 | 22 | 28 | 28 | 27 | 37 | 53 | |
| Não sabe / Não respondeu | 1 | 3 | 3 | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | |

Fonte: Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição (2020).

Como a pesquisa não abordou o nível de escolaridade nesta questão, recortamos para a faixa etária coerente ao Ensino Fundamental, anos iniciais, como explicado acima. Analisando a tabela é possível notar que a indicação de livros em grande parte das vezes ainda se limita ao profissional de educação, isto significa uma grande responsabilidade ao espaço escolar, por isso nesse ambiente o momento e as práticas de leituras que estimulem o gosto pelo ler é algo que poderia ser potencializado, como nos declaram Sandroni e Machado (1987, p. 60), “Começa-se hoje a reconhecer que à escola não cabe apenas “ensinar a ler” ou “fornecer informações”, mas enriquecer o aluno com a aquisição de instrumentos para seu processo de permanente autoformação”.

Embora reconheçamos a essencialização das práticas pedagógicas relacionadas à leitura, com o campo do tesouro, das riquezas, entendemos que essa forma de pensar a leitura pode auxiliar ao professor atribuir valor à leitura e à formação de leitores, o que pode explicar a influência dos professores na indicação de materiais de leitura, como expresso na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES – PERFORMATIVIDADE PROJETADA POR QUEM DEFINE O QUE LER E COMO LER.

A partir dos percentuais exibidos nesta pesquisa em questão o que podemos notar com base nos dados é que houve uma leve queda nos percentuais de leitura nos 2 primeiros pontos considerados, o que pode estar diretamente interligado as influências e hábitos nos ambientes de convívio da criança, como a família e a escola, o que afeta o gosto/prazer pela leitura.



Tal aspecto pode ser melhorado a partir de uma relação mútua de parceria entre ambas as instituições, nesse sentido, retomamos que o fortalecimento dos vínculos entre família e espaços escolar se mostra importante fato para a formação leitora (Santos, 2021, p. 40). No terceiro ponto acerca da motivação para se ler um livro o principal fator é o gosto, que mesmo sendo abordado de maneira ampla, podemos trazer esse dado para a proposta deste trabalho.

O gosto é algo muito pessoal e intrínseco ao ser humano, de maneira que uma criança dos anos iniciais tenderá a ler livros que chamem mais a sua atenção, como os de fantasia, algo que faça sua mente ter a liberdade para criar/recriar tudo o que deseje em um mundo criado por ela mesma. Contudo, a construção do gosto é algo que ocorre no contexto cultural de negociações em torno do bom, belo, agradável à política curricular de leitura.

Em uma perspectiva cultural, sabemos que a interação e a mediação produzem um sujeito cultural que se identificará com certos artefatos culturais. Nesse sentido, é preciso considerar que o meio social é elemento para a construção do gosto, sendo a escola/o professor, agentes atuantes nessa construção/produção.

Concordamos que “Cada leitor lê de modo diferente e tira do livro especialmente aquilo que o atrai e o que corresponde aos seus interesses. A discussão acerca do que mais o impressionou e da interpretação pode ser altamente informativa” (Bamberger, 1995, p.60). Contudo, também compreendemos que os processos de identificação são produzidos a partir de condições concretas de vida e mediação cultural, o que recoloca a questão do gosto em um entrelugar pessoal e social. Em casos em que a lógica se mostra hegemônica na direção da performatividade, o que gostar é regulado como meio para algo vindouro.

Tudo isso está associado com os dois últimos tópicos da pesquisa, visto que não há como falar de formação leitora, com a ênfase no gosto desta atividade sem que haja uma base na família seguida pela escola, portanto, nas experiências que a criança possui nos espaços culturais os quais frequenta:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas (Bamberger, 1995, p. 92).

A partir da noção interesses e hábitos, destacamos que continuamente a performatividade invade os espaços escolares, e se instaura no contexto escolar como elemento para regular o jeito de ser leitor, competente e hábil. Nessa forma de situar as práticas que



envolvem a leitura na infância escolarizada, as crianças perdem cada vez mais espaço para expressarem sua singularidade.

Nesse sentido, embora reforçar os sentidos para a leitura por gosto possa trazer problemas quanto a individualização de processos de formação de crianças leitoras, negar essa possibilidade pode implicar em uma abrangência dos discursos performativos no âmbito das políticas de leitura.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS - COMO PODERIA A PEDAGOGIA ATUAR FORA DO REGISTRO DE COLONIZAÇÃO DO GOSTO?

Com base nos estudos levantados sobre a importância do ato de ler para a formação leitora nos anos iniciais e os dados levantados a partir da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil podemos afirmar que a introdução da leitura na vida de uma criança de certa maneira sempre partirá da família e da escola a fim de potencializar a reflexão sobre o gosto pelo ato de ler por crianças.

No entanto, cabe ao pedagogo ampliar horizontes quando a leitura não somente a limitando ao gosto, ou seja, instigando e propondo aos alunos que por meio da leitura é possível sermos indivíduos críticos e conscientes não somente do mundo, mas também de si. Neste sentido é importante trazer o aluno para as discussões em sala de aula a fim de ouvi-lo quanto as suas ideias sobre o que seria leitura e como isso implicaria em sua vida, desenvolvendo assim um pensamento crítico-reflexivo.

Nesta pesquisa, problematizamos ainda que timidamente a noção de gosto trazida pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, entendemos que em próximos movimentos investigativos seja pertinente aprofundar a compreensão sobre as políticas de leitura e os sentidos que privilegiam. Em caso da leitura por gosto, quem são, na disputa discursiva, os sujeitos que atuam nessas políticas definindo ou tentando definir um currículo para a leitura?

REFERÊNCIAS

BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 3-23.

BALL, S. J. Performatividade e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**. v. 2, n. 32, 2010 p. 37-55.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 6ª edição. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1995.



COTRIM, I. ; PRUDENTE, Celso Luiz; SANTOS, E. R. . **Arte e enfrentamento: cinema novo e a dimensão pedagógica do cinema negro**. In: Celso Luiz Prudente; Rogério de Almeida. (Org.). Cinema negro: educação, arte, antropologia. 1ed.São Paulo: FEUSP, 2021, v. 1, p. 224-241. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/713/634/2379>

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil. 5ª ed.** FAILLA, Zoara. et.al (orgs.). São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/Acesso em 09 de abril de 2022>.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil. 3ª ed.** FAILLA, Zoara (org.). São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/Acesso em 09 de abril de 2022>

LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elisabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 19-42, p.184-215.

MAINARDES, J. **Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais**. Educação & Sociedade, v. 27, n. 94, p. 47–69, jan. 2006.

PRUDENTE, Celso Luiz. **A dimensão pedagógica do Cinema Negro: a imagem de afirmação positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio**. REVISTA EXTRAPRENSA, v. 13, p. 5-305, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/163871>

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul (orgs.). **A criança e o livro**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Rosana Assis dos. **Família, Escola e Práticas Lúdicas: O enlace bioecológico para o desenvolvimento integral de estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos. Coorientadora: Profª. Drª. Edileide Maria Antonino da Silva. 2021. 133 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2021. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/4338/1/DISSERTACAOROSANASANTOS.pdf> Acesso em 13 de abril de 2022.